

Atenção: o Brasil pode regredir

Quem anda pelas ruas de Santiago do Chile pode ver uns estranhos prédios semidemolidos e uma infinidade de outros edifícios totalmente vazios. O que significa isso? Aqueles prédios começaram a ser demolidos, sem nenhuma necessidade, no período da especulação imobiliária. A crise pegou o trabalho no meio e eles são hoje uma visão caricatural do que se transformou o Chile: um país arrasado. A indústria praticamente desapareceu e até parte do comércio interno se desnacionalizou. As consequências são dramáticas: altas taxas de desemprego, queda brutal do padrão de vida da população, situação política complicada. O Chile regrediu.

Essa terrível regressão poderá atingir também o Brasil, alerta o economista Wilson Cano, professor da Universidade de Campinas, e só poderá ser detida se houver alterações no quadro atual. "A condução da política econômica brasileira está sendo feita de tal maneira que, se ela efetivamente continuar, nos próximos dois anos, o País terá sofrido uma regressão inimaginável, traduzida por uma quebra de generalizada de empresas industriais, muito maior do que a que já está acontecendo, e atingindo a própria estrutura industrial, o que acarretaria uma desorganização da economia urbana e também rural". Dois anos, diz o economista, seriam suficientes para que o Brasil regredisse ao que era no final da década de 50, ou até antes.

Só porque o Japão, os Estados

Unidos e parte da Europa Ocidental retomaram um certo ritmo de crescimento, alguns analistas apressados acreditam que a crise internacional já passou. Isso é um engano, afirma o professor da Unicamp, e também se engana o governo quando acredita que o pior período da crise interna também já passou.

Ele acha que existem características, na crise atual, que não existiam, pelo menos de forma acentuada, nas anteriores, como por exemplo a maior concentração de atividades e serviços na área urbana. É por isso que, na opinião dele, uma recessão industrial provocará fatalmente uma desorganização na economia das cidades. Uma série de serviços derivados da indústria deixariam de existir, com a "quebra", e a vida econômica nas cidades seria terrivelmente afetada. "Não estamos mais na crise de 29, quando a economia urbana era pequena e a população pôde fugir para o campo", diz Wilson Cano.

"As políticas agrícola e econômica vão fazer prevalecer interesses capitalistas sobretudo para produtos como cana, soja, algodão, café e cacau (produtos de exportação ou industrializados) porque mesmo nos marcos da política atual, que pune a produção nacional, esses produtos ou têm cotizações internacionais ou situações privilegiadas (caso da cana). Como a agricultura voltada para a produção de alimentos sofre crescentes dificuldades, Cano prevê — se não vier alguma al-

teração — novas explosões nos preços dos alimentos.

"Ouvi rumores de que por trás das negociações com o FMI já estariam se dando entendimentos preliminares com o governo americano para a compra de excedentes de alimentos em maior escala pelo Brasil", afirma o professor. "Parece, então, que já está prevista a possibilidade de uma quebra. Tudo isso mostra não apenas traços de incompetência administrativa e estreiteza de visão sobre o que é uma economia capitalista, como também irresponsabilidade quanto aos destinos da Nação".

"A regressão será terrível", insiste o professor da Unicamp. E como evitá-la? Ele não acredita em mudanças econômicas sem mudança política. "Quando o presidente Figueiredo diz que não muda os ministros, não muda a tripulação, ele prefere ver o barco bater no rochedo". Daí ser incerta e complexa a perspectiva histórica. A sociedade exige eleições diretas e mudanças, "mas os atuais inquilinos do Planalto não querem nada disso".

O que pode acontecer, então? Wilson Cano acha que, do jeito que está não pode ficar, daí que, como também a oposição não será atendida, restarão apenas duas alternativas: "Uma, extremamente difícil, penosa até, que é da negociação nacional, com a mudança do governo atual, e outra, um golpe de direita nacionalista, de resultados facilmente previsíveis e tóxicos".

